



Fé e política nas periferias

CATÓLICOS, EVANGÉLICOS, ISLÂMICOS E
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

ENTREVISTA **GILBERTO CARVALHO**

**“Quem articulou a
campanha contra o PT
entre os evangélicos
foi o Cunha”**

ENTREVISTA **ARIOVALDO RAMOS**

**“A revolução não precisa
prescindir da fé”**

AGENDA DE LUTAS OUTUBRO DE 2019

Como reencantar a política?

MORGUEFILE



Fruto de intenso e muito antigo debate, a relação entre fé e política, isto é, a relação que a política deve ter com a fé e a relação que as pessoas de fé devem ter com o mundo da política, é assunto tão polêmico quanto necessário.

Os países europeus por séculos associaram autoridade político/estatal à continuidade da autoridade eclesial/religiosa da igreja católica.

As raízes, da natureza polêmica do assunto, estão no fato de os países europeus terem, por séculos, associado autoridade político/estatal à continuidade da autoridade eclesial/religiosa da igreja católica. O período em que esta relação vigorou

PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS ■ **DIRETOR RESPONSÁVEL** ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ **COORDENADOR DO PROJETO E ORGANIZADOR DA EDIÇÃO** PAULO CÉSAR RAMOS ■ **EQUIPE** JAQUELINE LIMA SANTOS, JULIANA BORGES, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, SOFIA TOLEDO, VICTORIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ **COLABORADORES** CÉSAR KAAB ABDUL, ISAÍAS DALLE, LUIZ HENRIQUE SOUZA, LUKA FRANCA, SIDNEI BARRETO NOGUEIRA, SIMONY DOS ANJOS ■ **EDITOR** ROGÉRIO CHAVES ■ **REVISÃO** CLAUDIA ANDREOTTI ■ **PRODUÇÃO EDITORIAL** CACO BISOL **PRODUÇÃO GRÁFICA** ■ **DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO** MÁRCIO POCHMANN (PRESIDENTE), ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS (DIRETOR), ISABEL DOS ANJOS LEANDRO (DIRETORA), JOAQUIM CALHEIROS SORIANO (DIRETOR), ROSANA RAMOS (DIRETORA)

ganhou os nomes mais desprestigiados pelos historiadores e quando a sociedade civil se desvinculou das instituições da igreja católica, isso foi visto como uma libertação. Tal experiência ocorreu em território nacional durante os anos de Brasil Império e foi interrompida com a proclamação da República, mas suas heranças ainda são vistas do ponto de vista institucional nos três poderes e na cultura brasileira, de modo geral.

Fortemente cristã, transpassada pela cosmologia indígena e repleta de práticas oriundas das tradições religiosas, a sociedade brasileira sempre viu a política ser feita ‘com’ a religião, ou ‘pela’ religião, contra ou a favor da religião. Políticos que usam o púlpito para pedir votos, sacerdotes que usam seu prestígio para trocar favores ou os símbolos da religião são usados para dar significados a

Assim como se fala de polarização na sociedade como um todo, emerge um tipo de profissão de fé que se caracteriza pelo combate de um inimigo, do “Mal”.

ações que precisam de legitimidade.

Fé não é religião. Nos momentos em que é preciso reencantar o mundo e a política em busca de valores, como a solidariedade, somente a fé – nem religião, nem suas instituições – pode exercer um papel estratégico na construção de alianças. A fé une crenças de teístas e ateus dispostos a práticas emancipadoras e de mútuo respeito.

Os dias que correm são problemáticos. Assim como se fala de polarização na sociedade como um todo, nas religiões mais praticadas no Brasil, emerge um

tipo de profissão de fé que se caracteriza pelo combate de um inimigo, do “Mal”, e de tudo aquilo que a ventura da desinformação e da descentralização litúrgica vir a permitir. Tal expressão religiosa está tanto nas vertentes protestantes, quanto nas vertentes católicas do cristianismo, e tem recentemente encontrado terreno fértil para proliferar nas periferias do Brasil – já que entre as camadas mais altas da sociedade essa intolerância sempre foi uma característica.

Eis mais um motivo para o debate sobre fé e política. Para que a diferença seja um dado positivo e não um mal a ser eliminado. Para que a fé não seja o avesso da razão, para que a política não seja um obstáculo à solidariedade. Para que a vida comum seja reencantada de sentidos e significados libertadores e emancipatórios de cada indivíduo, para que novas aproximações sejam realizadas. ■

A formação da população evangélica brasileira é homogênea?

SIMONY DOS ANJOS

SIMONY DOS ANJOS
É CIENTISTA SOCIAL,
MESTRA EM EDUCAÇÃO,
INTEGRANTE DO
COLETIVO EVANGÉLICAS
PELA IGUALDADE DE
GÊNERO E COLUNISTA DO
JUSTIFICANDO.COM.

Depois do processo eleitoral de 2018, ainda estamos atônitos com os rumos que a política brasileira tomou. Em meio a todas as fake news, desrespeito aos direitos humanos e futilização do debate político brasileiro, aconteceu a construção midiática de uma hegemonia reacionária fundamentalista evangélica – que apoia tudo o que há de mais abjeto em matéria de política: retirada de direitos, desmonte dos programas sociais, proteção do mercado financeiro etc.

O resultado das eleições está posto. Elegeram-se boçais que agem a mando de uma elite tosca e provinciana que deseja um Estado mínimo para os direitos sociais e máximo para a proteção do Capital. A reforma trabalhista, da previdência, a PEC 181, PEC 29, MP 871, todos esses ataques à população pobre que necessita dos benefícios

sociais para gozar da proteção que o Estado brasileiro tem o dever de prover, segundo a Constituição brasileira de 1988, estão passando em franca marcha por cima dos Direitos adquiridos pelos movimentos sociais e sindicatos trabalhistas.

Nesse contexto, quando qualificamos quem são as vítimas de tanto retrocesso, damos um rosto para essa população e buscamos entender sua composição, percebemos que quem mais sofre com essas ações arbitrárias são as mulheres negras pobres, àquelas que rara-

Elegeram-se boçais que agem a mando de uma elite tosca e provinciana que deseja um Estado mínimo para os direitos sociais e máximo para a proteção do Capital.

mente alcançam o mercado formal de trabalho e, quando conseguem, exercem as profissões mais precarizadas, desrespeitadas e mal remuneradas. Sim, as mulheres negras estão na base da sociedade e são as primeiras a sentir tanto retrocesso.

Esse debate está na ordem do dia nos movimentos sociais. Nos últimos tempos, no debate político, as pautas identitárias têm tomado espaço importante na discussão de representatividade e ação pública. Essa abordagem que leva em consideração as múltiplas identidades, na perspectiva da interseccionalidade, nasce das questões de raça, gênero e classe. Esse tripé dos marcadores sociais da diferença é fundamental para se entender a configuração da hierarquia social no Brasil, e a sua manutenção.

Ao pensar a intersecção entre eixos de opressão, instaura-se um debate

sobre as estruturas sociais de manutenção das desigualdades sociais. No Brasil, após 330 anos de escravização de pessoas negras e de genocídio da população indígena, ser negro e não branco, é fator evidente de exclusão social e de impedimento ao acesso aos direitos garantidos por Lei. E, nesse contexto, eu proponho que adicionemos mais um eixo que é reprodutor de opressão e, também, formador de identidades: a religião cristã – neste texto, discorrerei mais especificamente sobre a religião evangélica.

Bem sabemos que a religião católica foi o esteio moral da escravização de pessoas. A igreja, com suas violências simbólicas e catequização forçada, cometeu um crime irreparável: roubar das populações que vieram de África, sua ancestralidade e negritude, dando suporte para que a colonização se estabelecesse e se incumbisse de apagar a negritude dessas pessoas, felizmente não conseguiram!

Essas mesmas pessoas que sofrem todas essas violências, professam, em sua maioria, a religião que as subjugou e ainda subjugou, por meio desses políticos fundamentalistas.

Contudo, essa realidade nos põe em um paradoxo crucial para a política progressista e para os movimentos sociais: essas mesmas pessoas que sofrem todas essas violências, professam, em sua maioria, a religião que as subjugou e ainda subjugou, por meio desses políticos fundamentalistas. O que fazer, então?

Eu sugiro que, de largada, refutemos essa imagem midiática do evangélicos fundamentalistas, que só faz dar mais força para esses crápulas. Essa imagem homogênea dos evangélicos nos faz dividir a população entre “nós” e “eles”, acontece que no lado do “eles” existem muito mais de “nós”, do que imaginamos. Vejamos:

Segundo o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, a população brasileira contava com aproximadamente 190,7 milhões de brasileiros e destes, 123,3 milhões se declararam católicos (65% da população) e 42,3 milhões se declararam evangélicos (22% da população). Se somarmos os números dos que se declararam católicos e evangélicos, temos cerca de 166 milhões de pessoas que se declararam cristãs, no Brasil. Evidentemente esses números estão defasados. Na projeção de população realizada em 2018, antes da próxima contagem, em 2020, podemos acreditar que a população brasileira esteja em torno de 209 milhões e destes, 173 milhões sejam cristãos (aproximadamente 83% da população)[...] Ao considerar o recorte de raça, os pretos e pardos somam mais de 86 milhões de cristãos, católicos ou evangélicos (aproximadamente 49,7% da população cristã brasileira). Adicionando o recorte de gênero, somam aproxi-

madamente 44 milhões de mulheres pretas e pardas católicas ou evangélicas (aproximadamente 25,5% da população cristã brasileira). E, por fim, quando consideramos apenas as mulheres negras evangélicas, somam por volta de 8 milhões (aproximadamente 4,7% da população cristã brasileira). (ANJOS, S.C. T. Negritude e feminismo: sociabilidade de mulheres negras *feministas* nas igrejas evangélicas. 2019)

Desse modo, não dá para pensar população negra, pobre e periférica sem partir do ponto que 83% dela é cristã e que esses calhordas se aproveitam disso. Em segundo lugar, temos que atentar para outra mentira, a população cristã não votou majoritariamente no candidato Jair Bolsonaro, na verdade, ela se absteve porque não encontrou na esquerda vínculos que a ligasse aos programas apresentados. Quando a esquerda diz que “os evangélicos” pensam assim, ela se perguntam como foi o comportamento dos evangélicos pobres no processo eleitoral?

Assim, eu defendo que a gente não dê *status* aos

Defendo que a gente não dê status aos fundamentalistas, que eles não têm: não representam a totalidade dos cristãos.

fundamentalistas, que eles não têm. Eles não representam a totalidade dos cristãos, afinal, se Bolsonaro ganhou apertado, se não foi uma ampla maioria, a gente já pode entender que os próprios cristãos estão divididos diante dessa questão. Aliás, eu diria que se a gente fizer um recorte de população cristã periférica, o número dos apoiadores do Bolsonaro é muito menor do que os cristão de classe média.

Por fim, eu faço um apelo à esquerda que estabeleça um diálogo com os coletivos de mulheres evangélicas que estão no chão da Igreja acolhendo mulheres vítimas de todas essas violências de Estado. Sim, as mulheres negras evangélicas também perdem seus filhos a cada 23 minutos, também morrem em abortos in-

seguros, também sofrem violências obstétricas, não têm moradia e emprego garantidos. É por essa perspectiva que devemos estabelecer nosso diálogo com elas.

Listo, aqui, alguns dos coletivos que vale a pena conhecer:

Cuxi: coletivo negro evangélico

www.facebook.com/cuxicoletivonegroevangelico/?ref=br_rs

Frente Evangélica pela Legalização do Aborto

www.facebook.com/frenteevangelicapelalegalizaçaoaborto/?ref=br_rs

Rede de Mulheres Negras Evangélicas

www.facebook.com/negrasevangelicas

Movimento Negro Evangélico

www.facebook.com/mnebrasil

Aliança de Negros e Negras Evangélicos do Brasil

annebahia.blogspot.com/p/diretoria-executiva-nacional-anneb.html

Aliança Evangélica Pró-quilombolas no Brasil

www.facebook.com/QuilombolasdoBrasil

Evangélicas pela Igualdade de Gênero

www.facebook.com/mulhereseig

Fórum Permanente de Mulheres Negras Cristãs do Rio de Janeiro - RJ

www.facebook.com/forumpermanente-demulheresnegrascristas

Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito

www.facebook.com/frentedeevangelicos

Coletivo Vozes Marias

www.facebook.com/coletivovozesmarias

Projeto Redomas

www.facebook.com/projetoredomas ■

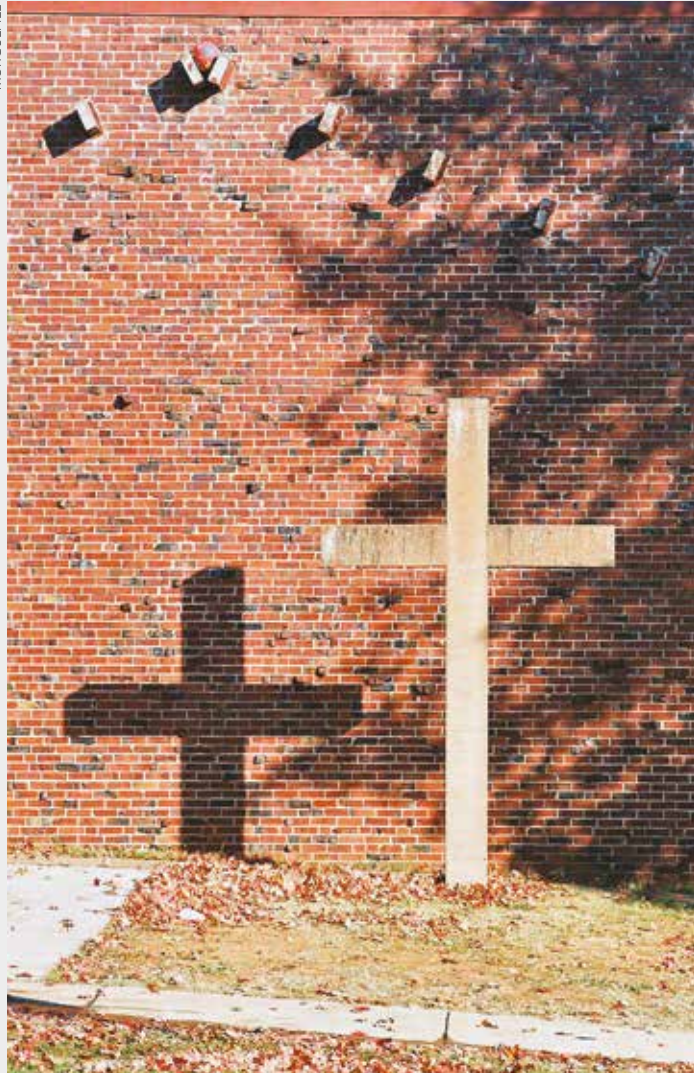
A força do colonialismo e das crenças hegemônicas em nome do poder

SIDNEI BARRETO NOGUEIRA

A burguesia ocidental ergueu suficientes barreiras e parapeitos para não temer realmente a competição daqueles a quem explora e despreza. O racismo burguês ocidental com relação ao negro e ao árabe é um racismo de desprezo; é um racismo que minimiza. Mas a ideologia burguesa, que proclama uma igualdade de essência entre os homens, consegue preservar a sua lógica convidando os sub-homens a se humanizarem através do tipo de humanidade ocidental que ela encarna (FANON, 1968, p.135)¹.

O livro *A presença do axé – mapeando Terreiros no Rio de Janeiro*, organizado e publicado pelas pesquisadoras Sonia Giacomini e Denisi Pini Fonseca em 2013, revela o dramático problema enfrentado pelos fiéis das religiões afro-brasileiras. Dos 840 terreiros pesquisados, 430 (cerca de 51%) já passaram por alguma forma de

MORGUEFILE



agressão (seja verbal, física ou ataque ao espaço religioso). Dos agressores relatados na pesquisa, 39% são evangélicos, revelando-se, os principais protagonistas da chamada intolerância religiosa.

Desde 2013, quando foi realizada a pesquisa, as perseguições se agravaram e o uso de um discurso de fomento ao ódio contra as religiões de matriz africana, legitimado por pastores, padres e políti-

SIDNEI BARRETO NOGUEIRA É DOUTOR EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL (USP), BABALORIXÁ DA CRIAS (SUZANO-SP), ESCRITOR, PROFESSOR, ATIVISTA E COORDENADOR DO PROJETO CONVERSA DE TERREIRO E DO INSTITUTO ILÊ ARÁ.

1. FANON, FRANTZ. *OS CONDENADOS DA TERRA*. RIO DE JANEIRO: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1968.

cos, conduziu fiéis ligados às religiões neopentecostais a perseguirem e até a agredirem violentamente filhos e filhas de santo da Umbanda e Candomblé, bem como espaços onde estas religiões são praticadas. Mais recentemente, traficantes de Cristo passaram a impedir a continuidade de Comunidades Tradicionais de Terreiros (CTTro), em determinados bairros do Rio de Janeiro. Agem comandados pelo tráfico e pelo poder paralelo que, agora, também é de Cristo. Aliados, crime/religião/política, no Brasil de 2019, ditam quem pode crer e em que se pode crer.

O discurso que está posto para esses evangélicos, sobretudo neopentecostais, é que as religiões de origem africana são expressões máximas do “mal na terra”, e que por isso, os “seguidores de Cristo” devem combatê-las, evangelizando e convertendo os indivíduos que estão “sob o poder do mal” – orixás, caboclos e guias.

No livro *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?*, relançado

O discurso que está posto para esses evangélicos, sobretudo neopentecostais, é que as religiões de origem africana são expressões máximas do “mal na terra”.

recentemente, Edir Macedo afirma que se o povo brasileiro tivesse os olhos bem abertos contra a feitiçaria, a bruxaria e a magia, oficializadas pela umbanda, quimbanda, candomblé, kardecismo e outros nomes, que vivem destruindo as vidas e os lares, certamente seríamos um país bem mais desenvolvido (MACEDO, 2002, p. 62)².

Esse é o resultado da expansão vertiginosa dos pentecostais e neopentecostais a partir da década de 1970. Devido a esse crescimento, a utilização dos meios de comunicação de massa passou a servir à conquista de almas e à política partidária.

Nesse mesmo sentido, é preciso destacar que o

empoderamento político desse grupo religioso só foi possível pelo fato de os principais partidos laicos do país, seus candidatos a cargos legislativos e executivos e seus governantes terem procurado, a cada pleito, estabelecer alianças e cooptar o apoio eleitoral dos evangélicos. Estes têm transformado seus rebanhos religiosos em rebanhos eleitorais.

Por outro lado, o fortalecimento da tríade crime/religião/política está relacionado a uma população culturalmente abandonada, marginalizada e sem autonomia. E é justamente a falta de autonomia que serve ao projeto de conversão eleitoral de massa.

Àquele que não tem autonomia cultural, econômica e emocional é negado o direito de escolha de sua própria crença, pois, escolher sua própria crença é também rejeitar a presença de um Estado que se declara explicitamente ao lado dos cristãos.

São as ambivalências da modernidade que, enfim,

atingiram o universo religioso em um país onde a religião, na vida pública assim como na vida privada, sempre teve um papel de reconhecida relevância. Essas promiscuidades, também inconstitucionais, tornaram-se terra fértil para uma luta de um Deus contra um Demônio agora transferida para o campo eleitoral.

O Estado abandona a população e a torna mais violenta de modo que ela se vê obrigada a acreditar em um discurso maniqueísta por meio do qual o cidadão, em situação vulnerável, deve escolher, caso queira a proteção do Estado, o lado do “bem”, o lado de “Deus”, o lado “Cristão”, o lado do bem contra o mal.

É preciso destacar que, no caso, das igrejas neopentecostais, o que temos é um racismo simbólico não só contra as pessoas que, de alguma maneira estão vinculadas a uma cultura africana: Umbanda, Quimbanda, Candomblé, Batuque do Rio Grande do Sul, Xangô de Pernambuco,

No caso, das igrejas neopentecostais, o que temos é um racismo simbólico não só contra as pessoas vinculadas a uma cultura africana: mas também às origens existenciais dessas pessoas.

Xambá, Jurema, Candomblé de Caboclo, mas também às origens existenciais destas pessoas. Trata-se de mais um dos tentáculos do racismo institucional e dos mecanismos de subalternização das coisas pretas.

Você até pode pertencer a uma religião de origem africana se esta estiver na posição de complemento de uma crença hegemônica branca cristã ou se esta crença preta for complemento da religião hegemônica ocidental. No Brasil, todos nascem cristãos, brancos e heteronormativos. A homofobia é cristã. A misoginia é cristã e o próprio racismo também é cristão.

Obviamente, trata-se de um racismo que se pretende racional, individual, determinado pelo genótipo e fenótipo, mas transforma-se facilmente em um racismo cultural. Neste caso, o objeto do racismo já não é o homem particular, mas uma certa forma de existir. No limite, fala-se de mensagem, de estilo cultural. Os ‘valores ocidentais’ reúnem-se singularmente ao já célebre apelo à luta da ‘cruz contra a espada’ (FANON, 1980).

O racismo religioso condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta. O racismo não incide somente sobre pretos e pretas praticantes destas religiões, mas sobre as origens da religião, sobre as práticas, sobre as crenças e sobre os rituais. Trata-se da alteridade condenada a não existência. Uma vez fora dos padrões hegemônicos, um conjunto de práticas culturais, valores civilizatórios e crenças não podem existir ou

podem desde que a ideia de oposição semântica à cultura eleita como padrão, regular e normal seja reiteradamente fortalecida.

Desse modo, a categoria “intolerância religiosa” não dá conta da necessária percepção do racismo como central na compreensão da perseguição às religiões de matrizes africanas. Além disso, a categoria semântica ‘intolerância’ continua operando sob o prisma do paradigma cultural europeu. A intolerância é branca, cordial, aceitável e ecumênica. Não se pode aplicar uma categoria branca para amenizar a compreensão de uma violência contra pretos e pretas das CTTro.

Aqui o racismo religioso é resultado da privatização neopentecostal de instâncias públicas, de uma instância familiar e de uma agenda moral. O colonialismo produz medo e desespero de modo que as famílias precisem de um inimigo

No Brasil, todos nascem cristãos, brancos e heteronormativos. A homofobia é cristã. A misoginia é cristã e o próprio racismo também é cristão.

comum com vistas a justificar, a um só tempo, o fracasso do Estado e das próprias famílias. Agora, a fim de tornar opaco o fracasso, o Estado elege um inimigo mítico e cria guerreiros para combatê-lo. O Estado é quem decide como crer, como amar, quem amar, em quem crer, como se comportar nas instâncias familiares e quem está ao lado do inimigo eleito.

Foi o colonialismo quem produziu a chamada inferioridade do colonizado que, uma vez derrotado e dominado, acaba por aceitar e internalizar essa ideia. O colonizador se sustenta no racismo para estruturar a colonização e justificar sua intervenção, pois, através da difusão

ideológica da suposta superioridade do colonizador, sua ação é vista como benefício, e não como violência, o que resultou na alienação colonial, na construção mítica do colonizador e do colonizado, o primeiro retratado como herdeiro legítimo de valores civilizatórios universalistas e o segundo, como selvagem e primitivo, despossuído de legado merecedor de ser transmitido.

E mais uma vez, a alienação colonial serve à manutenção de um conjunto de pares de opostos: deuses versus demônios, branco versus preto, europeu versus africano, normal versus anormal. A escolha parece simples. É natural que todos queiram estar ao lado herdeiro legítimo de valores civilizatórios universalistas. Todavia, não se pode perder de vista que este é igualmente o lado de quem, ao longo da história, tem produzido toda sorte de movimentos segregacionistas e excludentes. ■

CÍRIO DE NAZARÉ

Círio, a festa nazarena

LUKA FRANCA

LUKA FRANCA
É JORNALISTA, DIRETORA
ESTADUAL DO MNU-SP E
ESTUDANTE DE DIREITO.

MORQUEFILE



Não sou religiosa, porém sou paraense. Fhountine Marie, uma amiga querida, sempre diz que o Círio de Nazaré não tem a ver com religião, mas com ‘o ser’ paraense. Concordo com ela, não há como não ser paraense e não se mobilizar com o Círio de Nazaré. Assim como não há como ser militante político paraense e não ser cabano, na acepção

mais negra e indígena do processo da Cabanagem na região norte do país.

O Círio de Nazaré é a maior festa religiosa do Brasil, não apenas uma festa religiosa, mas uma festa de comunhão e de diversidade. Essa complexidade que conforma esse momento tão importante é muito bem demonstrada no documentário de 2006 “As filhas da Chi-

quita”, de Priscilla Brasil. A diretora consegue tocar de forma bem sensível o quanto o Círio “religioso” e o Círio “profano” se entrelaçam de uma forma muito orgânica, além de apresentar de forma muito direta a disputa do lugar das discussões sobre diversidade durante a quadra nazarena.

Há o que se chama de Círio “religioso” e Círio

“profano”. Ambos são patrimônio imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sendo que a incorporação das manifestações ditas “profanas” nesse processo foi fruto de muita luta política para se reconhecer a importância da cultura popular e da diversidade no conjunto de manifestações que compõe essa grande festa que o povo paraense realiza para homenagear a ‘Naza’.

O Círio “religioso” se refere às missas e procissões que tomam a grande Belém desde a sexta-feira antes do domingo de Círio. O Círio “profano” pode ser explicado por três grandes manifestações importantes realizadas de forma concomitante às missas e procissões: Auto do Círio, Arrastão do Pavulagem e a Festa da Chiquita. Mas se a incorporação do que há de “profano” no Círio de Nazaré como patrimônio imaterial do IPHAN foi fruto de luta política, não há como dizer que apenas nesses espaços se faz resistência política durante a quadra nazarena.

A política é presente em cada momento do Círio, seja nos camarotes oficiais do governo tomados por representantes do poder executivo local e federal, parlamentares de diversos estados e assessores; no povo devoto carregando suas promessas em cima da cabeça ou carregando a corda; nas pessoas que se dispõem a distribuir água ou se voluntariam para a Cruz Vermelha para garantir que cada promesseiro possa cumprir o percurso. Como já disse, o Círio de Nazaré não é apenas uma festa católica, é um momento de bem comum, de comunhão real entre um povo que tem em sua história a resistência política e popular escrita em seu sangue e em suas ruas.

O caminho que as pessoas percorrem durante as duas principais procissões nazarenas também é o caminho que diversos cabanos percorreram para poder sobreviver à perseguição política contra o processo de organização popular que se instalou na região entre 1835 e 1840. No

sábado e domingo de Círio percorremos um longo caminho que liga a Igreja da Sé e a Basílica de Nazaré, no subsolo da capital paraense. Neste mesmo percurso está a união da história de resistência política e nossa crença em lendas peculiares. Da Basílica até a Igreja da Sé existem túneis usados pelos cabanos para fugirem da perseguição. Crescemos acreditando que neste caminho havia uma grande cobra que, ao ser acordada, levaria Belém ao fundo.

Pode haver o esforço de não traduzir o Círio de Nazaré como um grande corpo apontado para o bem comum, mas a diversidade política e social é algo orgânico que não há como compreender em caixinhas. Sim, o ser paraense é refletido em cada momento da festa nazarena, assim como se refletiu durante a resistência cabana e em todos esses momentos nós fomos juntos a grande cobra que acaba por mover Belém e o estado do Pará. ■

Fé, política e Islã nas periferias

LUIZ HENRIQUE SOUZA E CÉSAR KAAB ABDUL

MORGUEFILE



Ser muçulmano na periferia no contexto atual, em que cada vez mais ideologias religiosas se aliam a políticas autoritárias é, antes de tudo, um ato de resistência política

Dentro da formação histórica do Brasil, a vida religiosa sempre foi um elemento bastante presente em nossa sociedade. O cristianismo católico, que em tempos

remotos era a religião oficial do Império do Brasil, deixou marcas profundas e ainda se manifesta na vida cotidiana de muitos brasileiros. Basta ver, por exemplo, que a formação e o crescimento de muitas cidades brasileiras se deram em torno de paróquias e catedrais e que as festividades litúrgicas se tornaram os principais feriados nacionais. Mesmo que atualmente muitas

pessoas não professem esta forma de religião, o brasileiro é herdeiro de símbolos, imagens e mitos provenientes do cristianismo.

Entretanto, essa influência não se restringe ao campo simbólico. Mais recentemente, na esfera política, a religião também forja o seu lugar. É na política que as demandas e crenças de variados

LUIZ HENRIQUE SOUZA É MUÇULMANO, MEMBRO DA COMUNIDADE MUÇULMANA SUMMAYAH BINT KHAYYAT, HISTORIADOR, PROFESSOR E ARTISTA PLÁSTICO.
CÉSAR KAAB ABDUL É MUÇULMANO, FUNDADOR DA COMUNIDADE MUÇULMANA SUMMAYAH BINT KHAYYAT, RAPPER E ATIVISTA.

grupos religiosos majoritários em nosso país, principalmente os da chamada bancada evangélica insistem em conduzir a vida dos cidadãos. Professar uma religião que está fora desse *mainstream* ou fora do processo histórico político é uma chave de leitura interessante para medir as tensões existentes nesse processo e principalmente a eficácia do nosso estado laico.

Na periferia de Embu das Artes existe uma comunidade muçulmana, localizada na Favela Cultura Física. Organizada em torno de uma mesquita, essa comunidade recebe semanalmente de 30 a 60 pessoas, a maioria delas brasileiras. O nome do templo é Summayah Bint Khayyat, em homenagem a uma mártir que preferiu morrer a renunciar à sua fé no Islã. A mesquita foi fundada por César Kaab, rapper e ativista que cresceu na favela e encontrou no Islã o seu caminho.

Ser muçulmano e periférico pode ter uma significação muito ampla a depender do olhar do indivíduo. Entretanto,

Ser muçulmano e se afirmar como tal perante a sociedade é um ato político constante.

há um fato comum que é possível destacar nesse cenário: a luta constante pela garantia da liberdade religiosa. Ser muçulmano e se afirmar como tal perante a sociedade é um ato político constante.

É um ato político na medida em que se traduz na luta e no esforço estabelecido por cada muçulmano para se manter perto da esfera do sagrado na manutenção de uma espiritualidade saudável. Em tempos cujas formas de vida religiosa passam por um processo constante de dessacralização em que o profano invade cada vez mais os espaços sagrados através da espetacularização e monetização da vida religiosa; em momentos nos quais a identidade enquanto cidadão brasileiro é questionada e violentada simplesmente

pelo fato de se ter uma religião fora do eixo cristão; e em tempos de ataques, verbais e físicos, a muçulmanos e muçulmanas, no Brasil, simplesmente por terem fé, ser muçulmano exige um determinado posicionamento diante da realidade.

A espiritualidade islâmica nos ensina que o muçulmano não deve ser apático ou inerte diante do contexto social em que está inserido. Malcom X, um importante ativista muçulmano na luta pelos direitos civis dos negros na sociedade americana durante as décadas de 1950 e 1960 em seus discursos inflamados na luta contra a opressão e o racismo, atribuía o seu engajamento político principalmente aos valores que lhe foram transmitidos através do Islã.

É importante que todos os muçulmanos comprometidos com a valorização e preservação de suas tradições insiram-se no debate político. Evidentemente não faço aqui uma menção ao Islamismo ou Islã



político que pode ser definido como uma forma de instrumentalização do Islã, por indivíduos, grupos e organizações que buscam objetivos políticos. Refiro-me à importância da participação de muçulmanos na manutenção do estado laico, somente.

Nas periferias, por exemplo, esse processo está em marcha há pelo menos duas décadas entre os cristãos. É em torno das comunidades cristãs, principalmente das comunidades evangélicas, que o debate político urge. Por mais problemático que isso

possa parecer, não devemos apontar esses movimentos como ilegítimos. Eles têm seus méritos e sua relevância social, porém não são os únicos que atuam na construção da sociedade brasileira.

Conhecer as religiões, conhecer a realidade assumida pelo indivíduo

Refiro-me à importância da participação de muçulmanos na manutenção do estado laico, somente.

religioso, compreender as suas práticas religiosas, suas crenças, é, em suma, fazer avançar o conhecimento a respeito do próprio homem. Nesse sentido, a existência de uma mesquita fundada por muçulmanos brasileiros dentro de uma favela, em Embu das Artes, ou em qualquer outra periferia do Brasil é um ótimo passo para a construção de uma sociedade mais tolerante, plural e democrática. Ser muçulmano é resistir diariamente contra a opressão que nos assola. *Assalamu aleikum*. Que a Paz esteja com todos vocês. ■

“A revolução não precisa prescindir da fé.”

POR ISAÍAS DALLE

ARQUIVO PESSOAL



Equilíbrio distante. Fé e política misturam-se e repelem-se, a depender dos ventos, dos interesses e da conjuntura. Na opinião do pastor Ariovaldo Ramos, cuja biografia é feita de fé e militância política, a convivência é realmente dura e complexa, mas tem melhorado. Na opinião dele, os partidos e organizações de esquerda precisam superar aquilo que ele denomina “desconfiança e preconceito”

“As organizações de esquerda precisam superar a “desconfiança e preconceito” para com as religiões em geral.”

para com as religiões em geral e, em especial, para com os protestantes e neopentecostais, se quiser dialogar com esses setores. Mas alerta: sem atravessar a fronteira da laicidade do Estado. Ramos também

destaca que igreja não deveria ser espaço para campanha eleitoral.

Acompanhe a entrevista, a seguir:

Há aspectos inconciliáveis entre uma proposta de Estado laico e algumas crenças religiosas. A adesão estrita aos textos bíblicos, por exemplo, aponta como pecado a homossexualidade, o aborto e a fé em outras divindades, só para citar

algumas das divergências. Como os setores políticos, que creem na separação entre religião e espaço público, podem agir diante dessa dicotomia?

De fato, a religião tem suas peculiaridades, idiosincrasias e tabus, suas crenças, expectativas e escatologias (*doutrinas sobre o fim dos tempos*). Mas isso, que pode colocar as religiões em oposição, não tem nada a ver com Estado. O Estado tem de ser laico. Em que o direito ao culto seja totalmente preservado e seja vetada a possibilidade de que qualquer religião se utilize do Estado para se impor. A fé tem de ser sempre pessoal, intransferível, mas acima de tudo voluntária. Nunca sob coerção de espécie alguma. Então, o Estado não tem de se preocupar com doutrinas religiosas, desde que estas não tentem se impor sobre as demais. O Estado trabalha com o cidadão, independente de sua cor religiosa. O cidadão é regido pela Constituição. E as religiões e os religiosos precisam ter essa consciência: o Estado deve se

“Nenhum político deve ser candidato em nome de uma religião.”

manter isento de qualquer influência religiosa. Os políticos também têm de aprender isso. Um coisa que me preocupa é quando os políticos visitam as igrejas, de vários credos, para fazer suas campanhas. Esses espaços deveriam ser vedados aos políticos num Estado laico. Os políticos não deveriam usar esses espaços para fazer campanha: isso é complicadíssimo. Nenhum político deveria ser candidato em nome de uma religião. Isso para mim é uma incoerência.

Política é um espaço e um exercício também de esperança e, por que não, de fé, num mundo novo e melhor. De que maneira isso pode ser demonstrado aos religiosos?

Qualquer exercício humano contém esperança, porque, no mínimo, aguarda ser realizado, aguarda ser bem sucedido. Aqui, todos se encontram.

Todos querem usufruir dos direitos básicos, pelo menos. Neste sentido, a política pode trazer os valores da civilização vigente para o topo da discussão. O político não pode dizer que está privilegiando a fé X ou Y. Nem pode invocar os elementos religiosos. Então, a política tem de trabalhar na lógica da modernidade que estabeleceu o Estado de Direito. Deve se alavancar a partir da Declaração Universal dos Direitos do Homem. Isso satisfaz a maioria das religiões que disputam espaço no Ocidente.

Certas crenças religiosas pressupõem que aqueles que não comungam da mesma fé não estão apenas enganados, mas errados e, pior, condenados ao castigo divino. Se a política é a arte de conectar os diferentes, como lidar com esse fundamentalismo?

As religiões são, por definição, antagônicas, porque cada qual vai professar sua fé e adorar a seu deus, que nem sempre coincide. A política não é a arte de conectar reli-

giões, é a arte de conectar cidadãos e cidadãs. O que a política tem de garantir em termos religiosos é a liberdade de culto.

Mas jamais tentar criar soluções comuns, como uma teologia comum a todas, ou um acordo de fé, como a tentativa de implementar educação religiosa. Propostas sincréticas: isso não é papel da política. Aliás, não deve haver ensino religioso nas escolas públicas, sob hipótese alguma. A política não deve nem pensar em tentar conectar religiões. Não deve promover encontros inter-religiosos. A arte da política é garantir direitos aos cidadãos e cidadãs.

A esquerda tem sido frequentemente associada à aversão pela fé e religiosidade. Especialmente por causa da experiência soviética e, em menor escala, pela cubana. Lideranças protestantes costumam apontar perseguição a pastores em Cuba. Como tem sido a experiência da esquerda brasileira nessa relação entre fé e política?

“A esquerda tem um quê de preconceito com a fé. Isso melhorou muito com a Teologia da Libertação, e, entre os protestantes, com a Teologia da Missão Integral”.

A relação da esquerda brasileira com fé e política é um tanto complexa. Porque as perseguições aconteceram mesmo, não podem ser negadas, e ainda acontecem. A esquerda nem sempre foi simpática à pregação de qualquer fé. À minha fé, por exemplo. A gente percebe que a esquerda tem um quê de preconceito com a fé, em maior ou menor grau. Isso melhorou muito com a Teologia da Libertação, principalmente, e depois, entre os protestantes, com a chegada da Teologia da Missão Integral, que eu subscrevo, mas ainda há muita desconfiança. Permanece aquela ideia de que religião é o ópio do povo, portanto uma inimiga da revolução e

da libertação humana. Isso é complicado porque faz com que muitos da esquerda não consigam conversar com os religiosos, porque estes percebem a desconfiança da esquerda para com eles. É uma relação complicada.

Mesmo quando você se manifesta e é comprovadamente de esquerda, quando se levanta para falar, nota a pecha que existe sobre nós. Assim como religiosos acham incompatível ser de esquerda, há muitos de esquerda que pensam a mesma coisa. Esse é um aprendizado mútuo: vamos ter de aprender. Fé não colide necessariamente com revolução. E a revolução não precisa prescindir da fé.

Como tem sido a sua experiência pessoal nessa tarefa de tentar dialogar com esses dois mundos, fé e política, aparentemente tão inconciliáveis?

Nossa experiência não tem sido boa, porque a gente percebe essa desconfiança. Eu diria, esse preconceito. E lutar contra preconceito é algo muito complicado.

Mas está melhorando: cresce a percepção de que há religiosos revolucionários e de que a esquerda não é bicho-papão. Tem tudo a ver, por exemplo, com os princípios protestantes. Não tem sido uma experiência fácil, mas melhorou. Embora a esquerda também tenha seus fundamentalismos. Mas eu, de fato, não consigo ver fé e religião como algo inconciliável. O que dificulta essa relação, muitas vezes, é a falsa impressão de que um Estado laico é necessariamente um Estado ateu. Até porque o Estado não pode ser nem pró nem contra Deus. O Estado é um fenômeno eminentemente humano. Um espaço comum, onde, inclusive, a fé possa ser livremente praticada, desde que não tenha a intenção de assenhorar-se do Estado. A fé e o Estado são fenômenos humanos, portanto podem conviver. A fé que eu professo, a protestante, reconhece que não se deve administrar o Estado a partir da religião, e sim ajudar os que têm fé a colaborar na administração do Estado.

MORGUEFILE



“Não consigo ver fé e religião como algo inconciliável. O que dificulta essa relação, muitas vezes, é a falsa impressão de que um Estado laico é necessariamente um Estado ateu.

Alguma sugestão para o PT se posicionar em relação à fé e religiosidade nas eleições do próximo ano?

A minha sugestão para o PT é, primeiramente, assumir que esse fator fé é cada vez mais preponderante no Brasil. Ponto. Segundo, aprender a conversar com esse público. Nesse sentido, sugiro ao partido que converse com

Os religiosos de esquerda para saber qual a melhor maneira de estabelecer diálogo com esse povo, sem atravessar a fronteira da laicidade do Estado. Mas fazer de conta que a religião, ao final, não afeta as coisas, é uma ingenuidade. As religiões precisam ter expectativa de que não perderão espaço nem viverão em um mundo onde seus valores serão atacados o tempo todo. Se um religioso achar isso, ele vai imediatamente reagir. Então, o partido tem de saber que se vai trabalhar pelos direitos de uma minoria, que porventura resvalam em questões teológico-doutrinárias, tem de saber como falar disso, como defender isso sem que os religiosos se sintam atacados. O partido precisa aprender a falar de maneira mais global sobre a proteção da pessoa humana, o fim da discriminação, mas não eleger particularidades que vão provocar reações emocionais por falta de melhor explicação.

Você é uma pessoa de fé. Então, queremos perguntar se você tem orado pelo Lula e se você

“Nesse sentido, sugiro ao partido que converse com os religiosos de esquerda para saber qual a melhor maneira de estabelecer diálogo com esse povo.”

acredita que há uma dimensão espiritual para o drama que ele vem vivendo desde que foi preso.

Sim, eu oro pelo Lula. Eu reconheço que ele é um preso político que tem sido deliberadamente perseguido. Eu oro por ele como pessoa humana, que tem as suas dores, suas perdas, suas angústias. Tive o privilégio de visitá-lo em Curitiba. Já orava antes e passei a redobrar minhas orações. Oro para que ele mantenha a serenidade que tem demonstrado em suas entrevistas, oro para que a resiliência dele nunca esmoreça. Oro principalmente para que ele seja libertado, para que o Estado de Direito seja restabelecido. Oro para que seus companheiros de

partido nunca se esqueçam disso: não haverá nenhuma base sólida para a democracia sem a retomada do Estado de Direito, e que não haverá retomada do Estado de Direito sem o fim de toda a prisão política.

Enxergo, sim, uma dimensão espiritual para o drama que ele vem vivendo e essa dimensão não é a do castigo, mas a da perseguição. Jesus Cristo disse que em nome dele e dos valores que ele esposava, muitos seriam perseguidos. E que quando isso acontecesse, os perseguidos deveriam se rejubilar porque isso os coloca no mesmo patamar dos profetas. Há uma dimensão espiritual de perseguição a tudo que signifique igualdade, justiça, igualdade de possibilidades. Tudo o que signifique resolução das diferenças. As escrituras dizem que há um espírito no mundo que ataca tudo o que o Cristo ensinou. Contra a pessoa do Cristo e contra a luz que ele disseminou. Para mim, é nessa dimensão espiritual que estamos travando essa batalha. ■

“Quem articulou a campanha contra o PT entre os evangélicos foi o Cunha”

POR ISAÍAS DALLE

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL



Não é Michel Temer quem deveria passar para a história como principal golpista, e sim Eduardo Cunha, deputado federal e ex-presidente da Câmara. Essa é a opinião de Gilberto Carvalho, que acompanhou de perto o desenrolar da trama que derrubou a presidenta Dilma Rousseff. Ex-ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência daquele governo, amigo pessoal de Lula, de quem foi conselheiro,

“É entre a população mais pobre que existe uma parcela das pessoas hegemônicas por prática religiosa fundamentalista e que cria essa contradição com nossa política.”

Gilberto Carvalho afirma que Cunha foi também o articulador de uma

campanha difamatória, baseada em controvérsias de fundo moral, que se alastraram pela base das igrejas evangélicas e que teria papel importante depois, na eleição do atual governo federal. Ele não poupa as “grandes lideranças” evangélicas, atribuindo oportunismo e apego aos vencedores da vez. Mas os difere dos fiéis, para quem “você pode demonstrar, com paciência, que os princípios que nós pregamos,

nosso projeto, tem grande convergência com o espírito central do Evangelho e dos profetas, que é cuidar da viúva, do oprimido, dos pobres, daqueles que foram excluídos ou injustiçados”.

Leia a entrevista, na íntegra, a seguir:

Há setores religiosos da sociedade que são estimulados a fazer uma leitura estrita dos chamados textos sagrados. Nessa interpretação estrita, aqueles que pensam diferente não estão apenas enganados, estão errados. Estão sujeitos, inclusive, ao castigo divino. Se a política é a arte de conectar os diferentes, como pode ser feito o diálogo entre ela e a fé?

Este é sem dúvida, na minha opinião, o principal desafio da política e da esquerda no Brasil hoje. Esse tema abriu um fosso entre nós e uma parte da população que sempre foi, digamos, a nossa predileta. Essa é uma questão muito dolorosa para nós, pois é entre a população mais pobre que existe uma parcela das pessoas

“Essa contradição se dá, sobretudo, nos temas morais: a questão da homoafetividade, da união civil homoafetiva, do direito à interrupção da gravidez...”

hegemonizadas por esse tipo de prática religiosa, que eu considero fundamentalista e que cria essa contradição com o nosso projeto, com a política. Essa contradição se dá, sobretudo, nos temas de costumes, nos temas morais.

A questão da homoafetividade, da união civil homoafetiva, do direito à interrupção da gravidez, temas dessa natureza. E vamos lembrar que não apenas setores evangélicos, mas também correntes católicas que têm a mesma prática. O fundamentalismo não é monopólio dos evangélicos. A Renovação Carismática tem mais ou menos a mesma prática e tem também o costume de estar sempre ao lado dos poderosos. Uma espé-

cie de aliança obrigatória com o governo. Quero deixar bem claro que não se trata de um preconceito com os evangélicos. Mas é claro que na situação atual do Brasil, os evangélicos e a bancada evangélica talvez sejam o símbolo maior disso, as lideranças dessas igrejas têm um alinhamento político com o governo Bolsonaro. E, de fato, essa ideia de que quem não faz parte do meu grupo precisa ser combatido ou convertido, é uma marca dessas igrejas, o que dificulta o diálogo.

Mas temos feito um trabalho que começa a dar pequenos frutos. É uma tentativa de diálogo. Temos conversado com as altas cúpulas, que têm expressão e influência política – até pelos favores que conquistaram, inclusive no nosso governo, diga-se de passagem, com concessões de comunicação, convênios etc – mas especialmente com a base, com os pastores e com os fiéis. Aí você pode demonstrar, com paciência, que ao contrário, os princípios que nós

pregamos, nosso projeto, têm grande convergência com o espírito central do Evangelho e dos profetas, que é cuidar da viúva, do oprimido, dos pobres, daqueles que foram excluídos ou injustiçados. É um trabalho muito difícil, porque essa capa dogmática tende a nos afastar, e a abordagem da temática dos direitos humanos aparentemente nos coloca em atrito mas, se você tiver prudência e objetividade, o resultado pode ser muito interessante. Os evangélicos crescem de forma exponencial no Brasil.

Há previsão de que até 2040 estejam empatados com o número de católicos no país.

De qualquer maneira, crescem muito entre os mais pobres, que, como eu disse, sempre foram os prediletos de nossa ação política.

Há trechos da Bíblia – eu cito aqui a Bíblia porque somos um país majoritariamente cristão – que condenam explicitamente a homossexualidade, por

exemplo, ou o culto a imagens. Como tratar esses valores, esses dogmas?

Devemos sempre recordar que a Bíblia foi escrita há pelo menos dois mil anos, em outro contexto histórico e político. Jesus Cristo diz, por exemplo, em certa passagem, que “se tua mão direita te fizer pecar, corta-a e lança fora”. Se você quiser levar o texto bíblico ao pé da letra, será uma tarefa impossível. A Bíblia foi escrita dentro de tradições culturais que já não são as mesmas de hoje. Imagine como será o mundo daqui a 300 anos. Imagine agora como foi há dois mil anos. É um absurdo querer fazer leitura literal da palavra. Mas não adianta chegar para um

“Nosso projeto, tem grande convergência com o espírito central do Evangelho e dos profetas, que é cuidar do oprimido, daqueles que foram excluídos ou injustiçados.”

fiel e dizer que certos trechos não são verdadeiros, isso não levará a nada. O que é preciso é, com calma e respeito, chamar as pessoas ao bom senso. Não entrar nessa disputa fundamentalista, e sim buscar pontos de acordo. Agora, é preciso destacar que essa leitura é induzida por grandes líderes que querem se aproximar dos vencedores para extrair benefícios e pregam o ódio à esquerda, a quem prega a igualdade. Isso não tem nada de bíblico. Isso é puro oportunismo para ter aliança com um tipo de governo que hoje existe no Brasil.

Existe uma ideia muito disseminada entre os protestantes de que a esquerda persegue religiosos. Cita-se muito a experiência soviética. A experiência brasileira tem sido diferente?

Olha, quero dizer que a direita católica tem essa mesma postura, esse mesmo preconceito. Há padres que defenderam voto em Bolsonaro para “acabar com os comunistas”. O sectarismo não é monopólio evangélico.

Quero dizer o seguinte: desde a fundação, nosso partido foi alvo de muito preconceito e campanha contra por causa de nossa identificação com projetos socialistas do mundo todo. Diziam que íamos fechar igrejas e perverter as crianças. Com o passar do tempo, fomos amenizando isso. Porque o PT é um partido que, graças a Deus, nasceu muito diverso. Se você pesquisar, meu irmão, você verá que grande parte dos diretórios do PT foi fundada na casa paroquial, na igreja. Um contingente enorme de militantes foi despertado para a política pela fé. Havia uma forte ligação com a Teologia da Libertação, mas tínhamos também metodistas, presbiterianos, enfim. Até hoje temos importantes lideranças que são praticantes da fé evangélica. Então, aprendemos e incorporamos muito disso. E esse processo culminou na eleição do Lula, que faz uma reforma do Código Civil que garantia a liberdade de culto.

“Um contingente enorme de militantes foi despertado para a política pela fé. Havia uma forte ligação com a Teologia da Libertação, mas também metodistas, presbiterianos.”

Em nossos governos, e nos oito anos de Lula, especialmente, trabalhamos muito próximos das obras sociais das igrejas e essa relação foi se suavizando. Mas houve alguns percalços nessa relação, muito especialmente uma ação bem orquestrada pelo senhor Eduardo Cunha (*deputado federal do MDB-RJ e ex-presidente da Câmara no segundo mandato de Dilma*), que é um evangélico. Não quero julgar a alma dele. Mas movido por profundo senso de oportunismo, articulou a bancada evangélica para o golpe, afirmando aos deputados que eles ganhariam mais com a queda da presidenta

Dilma. E usou histórias como aquela cartilha do MEC (*intitulada kit gay por setores da oposição*) e outros incidentes, que não fazem o menor sentido, para promover uma campanha.

Desde então, teve início uma devastadora campanha contra nós no interior das igrejas. Tudo o que havíamos acumulado nos anos anteriores, inclusive o reconhecimento, por parte dos pastores, de que a vida dos crentes havia melhorado, que até o dizimo das igrejas havia melhorado, foi sendo destruído por uma ação oportunista do senhor Eduardo Cunha junto à bancada evangélica, de modo que, na hora final, a bancada evangélica quase que unanimemente votou contra nós. O PRB, que era o partido ligado à Universal e à TV Record, votou contra, apesar do apelo que a presidenta Dilma fez ao Edir Macedo, que fora muito beneficiado por nossa política de comunicação, com concessões, anúncios.

Foi um movimento deliberadamente político que foi aumentando esse fosso entre nós. Mas quero destacar aqui que temos um enorme campo de trabalho junto a essas igrejas. Hoje, nas periferias, quem cuida dos pobres são as igrejas evangélicas, quero registrar isso.

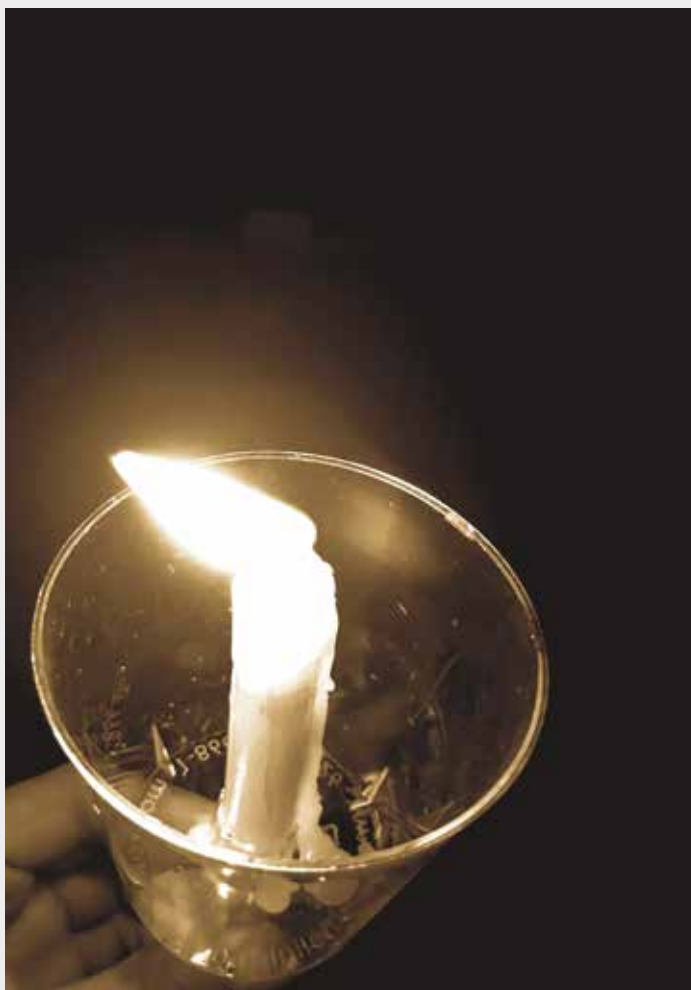
Além da pauta dos costumes, houve algum momento que marque essa ruptura da Universal e outras igrejas com o projeto do PT do ponto de vista econômico?

Não diria do ponto de vista econômico porque faltou dinheiro, nada disso. Foi um senso de oportunidade que mostrava para onde ia o rumo do poder. E volto a lembrar que há uma tendência, nos setores fundamentalistas, de estar ao lado do poder. E de estar onde acreditam poder obter mais benefícios.

Houve algum pedido não atendido?

Absolutamente não. Pelo contrário, fomos muito

MORGUEFILE



“Hoje, nas periferias, quem cuida dos pobres são as igrejas evangélicas, quero registrar isso.”

generosos. Inclusive por isso a surpresa da presidenta Dilma quando, ao telefonar para o Edir Macedo e pedir apoio na votação do *impeachment*, ouvi-lo

dizer que infelizmente ele não poderia fazer nada, afirmando que uma coisa era a Universal, outra a Record e outra a bancada. O que houve foi um senso apurado de para onde penderia o poder dali em diante. Tanto que eu sei, agora, que o Bolsonaro prometeu mundos e fundos para as igrejas e não está entregando, e o relacionamento deles está mudado. O que

são essas entregas? Em geral, concessões de rádio e TV. Isso são as grandes lideranças, mas quero voltar a pontuar: as igrejas, lá na periferia, estão ajudando os pobres, tirando a pessoa da cachaca, ajudando as pessoas a encontrar emprego solidariamente.

Você tem orado pelo Lula? É uma pergunta retórica, porque sei que você deve fazê-lo. Você enxerga alguma dimensão espiritual pelo drama que ele está vivendo desde que foi preso?

Bom, eu vivi no seminário muitos anos. Não terminei o seminário, mas depois ingressei na Pastoral Operária. Sou uma pessoa de oração diária. Isso não quer dizer que sou bom, melhor que alguém. Eu procuro sempre fazer uma avaliação da minha prática. Digo tudo isso para responder que sim, eu rezo sempre pelo Lula. Ele é uma pessoa que tem uma prática religiosa não doutrinária, mas tem muita fé. E acho que essa fé está na raiz

“A pessoa vive algo mas, por força da educação religiosa ou da tradição, diz algo totalmente diferente. Mas o que não adianta é atacar a crença da pessoa.”

das revelações da série de reportagens da Vaza Jato. Eu acho que isso é um milagre da Dona Lindu (*mãe de Lula*).

Por favor, explique isso um pouco melhor: por que você acha que a Vaza Jato é um milagre da Dona Lindu?

Essa expressão que uso não deve ser interpretada em termos literais. É uma brincadeira. Mas eu digo isso porque a Dona Lindu tinha muita fé, e ela transmitiu isso ao Lula. Ela costumava sempre dizer a ele que o mal não venceria, que a verdade e as boas ações prevaleceriam. A Dona Lindu, eu sei disso, protege o Lula. A presença espiritual dela na vida dele é muito forte.

Ele sabe disso e nós já conversamos sobre isso. Então, costumo dizer: não mexam com o Lula, porque a Dona Lindu cuida dele.

Ok, muito obrigado.

Eu queria acrescentar algo. Creio que precisamos fazer o diálogo com os religiosos com respeito, com paciência, sem negar-lhes o reconhecimento daquilo em que acreditam.

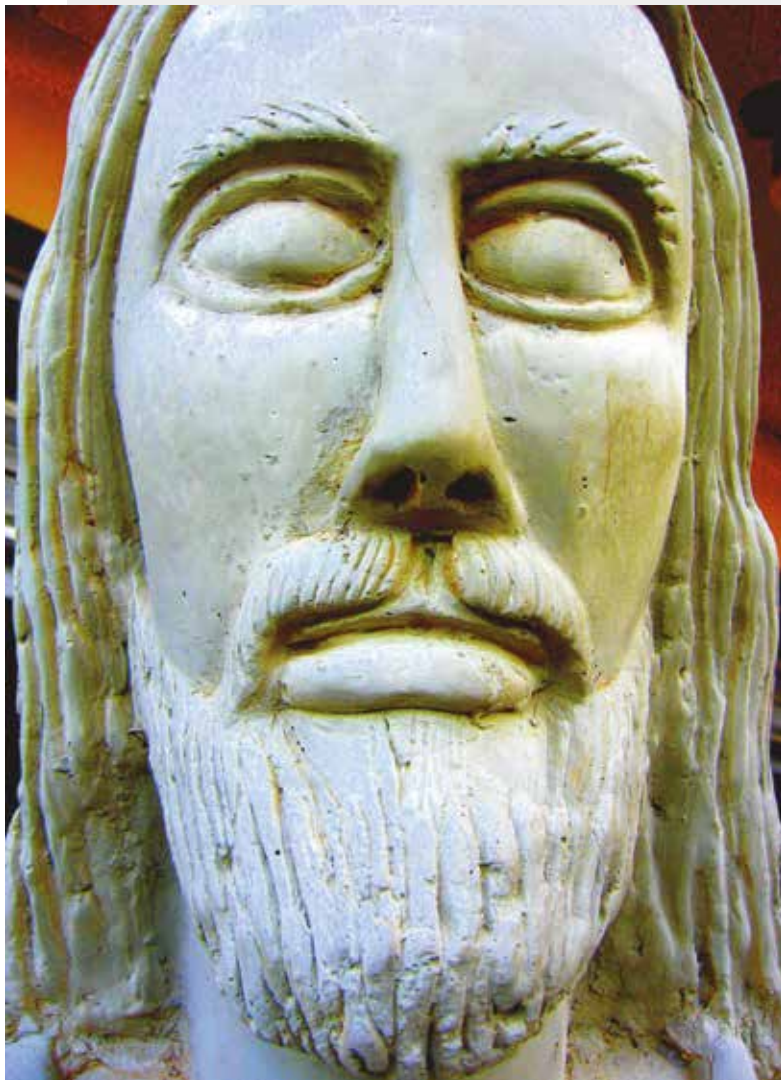
Isso significa fazer concessões, por exemplo, em temas como aborto?

Absolutamente não. Mas é procurar os pontos de unidade. Olha, toda a família conhece e convive, ou conviveu, com acontecimentos como abortos ou com pessoas de diferentes orientações sexuais. Também nas comunidades periféricas. Eu sei disso porque eu vivi um ano em favela. A pessoa vive algo mas, por força da educação religiosa ou da tradição, diz algo totalmente diferente. Mas o que não adianta é atacar a crença da pessoa. ■

Engajamento via fé ou política entre trabalhadores e trabalhadoras informais

LÉA MARQUES SILVA E MATHEUS TANCREDO TOLEDO

MORGUEFILE



Entre os/as informais, se a organização coletiva política não se apresenta como forte, o engajamento coletivo via religião cumpre muitas vezes esse papel de espaço coletivo para vivêncial/debate.

Esse espaço da Revista é dedicado ao debate em torno da Pesquisa “Trajetórias da Informalidade no Brasil Contemporâneo” realizada pela FPA. Assim, todo mês publicamos

artigos escritos por pesquisadores parceiros e pesquisadoras parceiras do projeto que atuaram na coleta e pré-análise dos dados ou fomentamos o debate com leituras que a equipe do projeto Reconexão Periferias tem dos dados e das análises resultantes da pesquisa.

No mês de outubro, dialogando com o tema geral desta edição, buscamos explorar a relação entre as possibilidades de organização dos trabalhadores e trabalhadoras informais e seus respectivos engajamentos com ações e grupos religiosos, de diversas matizes. Conforme já apresentado em artigos anteriormente publicados neste espaço, entre os/as trabalhadores/as pesquisados/as há diferenças significativas sobre o grau de organização e resistência coletiva. Há aqueles/as que desconhecem por

LÉA MARQUES SILVA É SOCIOLOGA E CONSULTORA DO EIXO “TRABALHO” NO PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS, E MEMBRA DA COORDENAÇÃO-EXECUTIVA DA PESQUISA “TRAJETÓRIAS DA INFORMALIDADE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO”.
MATHEUS TANCREDO TOLEDO É CIENTISTA POLÍTICO, ANALISTA DE PESQUISAS E DE POLÍTICA NA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO E MEMBRO DA COORDENAÇÃO-EXECUTIVA DA PESQUISA “TRAJETÓRIAS DA INFORMALIDADE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO”.

completo a existência de sindicatos de sua categoria, chegando até mesmo aqueles/as que participam de associação e de movimentos por direitos específicos da categoria. Contudo, o que se pode analisar é que mesmo nessa diversidade, os espaços coletivos – sejam eles de organização, reivindicação ou apenas de discussão sobre suas realidades cotidianas – estão presentes, ainda que sob outros formatos.

Assim é que aparece, por exemplo, a participação desses/as trabalhadores/as junto a grupos religiosos. M., 47 anos, negra, empregada doméstica com carteira assinada e eventualmente diarista sem carteira, morando atualmente na cidade do Rio de Janeiro, ilustra essa realidade: é evangélica da igreja Assembleia de Deus e, além do exercício da fé, vale-se do espaço da Igreja para discussões políticas, particularmente para confrontar, a partir do diálogo e aprendizado com seu filho (cotista na UFRJ) as perspectivas conservadoras dos outros fiéis.

O engajamento coletivo via religião cumpre muitas vezes o papel de espaço de sociabilidade para vivência e debate sobre as condições gerais e individuais que estão vivenciando.

M. desconhece a participação em associação coletiva em torno do seu trabalho. Narra que a única vez em que se encontrou e compôs um grupo com outras empregadas domésticas e diarista foi há muitos anos, por força de uma ação do condomínio em que trabalhava, o qual organizou palestra sobre reciclagem de lixo. Por outro lado, a Igreja se apresenta como o espaço principal de atuação política.

D., 43 anos, negra, diarista sem carteira assinada, também do Rio de Janeiro reforça essa realidade, afirmando que seu trabalho não propicia as condições necessárias para seu engajamento,

mas que a Igreja cumpre esse papel, especialmente na forma da caridade:

Trabalhar pra Jesus pra mim é tudo, na igreja a gente faz muita obra social, a gente vai levar roupa para os moradores de rua, comida, então é um trabalho que a gente faz, além de realizar tarefas que aquelas almas né que estão ali, que a sociedade despreza, não dá nada, aí a gente vai e faz um esforço para aquelas pessoas saírem daquela vida, para mim é muito gratificante trabalhar ali. (D., 43 anos)

Esses relatos nos permitem afirmar que entre os/as informais, muitas vezes a organização coletiva política não se apresenta em espaços tradicionais nem está fortalecida. No entanto, o engajamento coletivo via religião cumpre muitas vezes o papel de espaço de sociabilidade para vivência e debate sobre as condições gerais e individuais que estes/as trabalhadores/as estão vivenciando. ■

O mapeamento de coletivos e movimentos das periferias e as religiões

JAQUELINE LIMA SANTOS E VICTORIA LUSTOSA BRAGA

O Mapeamento de Coletivos e Movimentos das Periferias chega à meta de 600 organizações mapeadas neste segundo semestre de 2019. No entanto, esta é apenas a meta inicial e continuaremos trabalhando para ampliar os dados com o objetivo de construir uma ampla rede articulada de organizações periféricas de todo o país. Em tempos de avanço do conservadorismo, retirada de direitos e criminalização da pobreza é preciso investir em estratégias de atuação coletivas e colaborativas. Em 2020 teremos novidades em relação à utilização dessa base de dados para fortalecer as lutas territoriais pelos grupos que aderiram ao mapeamento do projeto Reconexão Periferias.

Nesta edição da revista, iremos trabalhar com o tema “intolerância religiosa”. Dentre as organizações mapeadas de todo o país, 40% sinalizaram

que religião é um de seus temas de atuação e 5% apontam que este é um dos seus três principais temas de atuação. Ou seja, as religiões não estão apenas na esfera privada da vida dos indivíduos, mas também compõem estratégias de atuação coletiva nas periferias do país. Em muitos casos, os espaços de articulação se dão dentro das instituições religiosas, como terreiros, pastorais católicas e associações de igrejas evangélicas e centros espíritas.

São 40% de organizações que se engajam também no campo do sagrado, articulando crença e questões sociais e políticas. Quando analisadas separadamente, percebemos que não compõem apenas grupos de religiões historicamente discriminadas. Naquelas religiões onde se sustenta o avanço do conservadorismo, como as igrejas neopentecostais, também há articulação

com setores e movimentos progressistas. Dessa forma, as instituições religiosas como espaços de compartilhamento de crenças e valores também têm discordâncias, ou seja, pessoas disputando perspectivas políticas e visões de mundo como parte de exercer a fé e intervir sobre o ‘mundo’.

No entanto, os dados revelam que os grupos mais afetados pela intolerância religiosa são de matriz africana. Candomblé, Umbanda, Tambor de Mina e Batuque são algumas das expressões que aparecem no mapeamento. É importante destacar que muitas delas existem institucionalmente e funcionam como ONGs, associações e institutos religiosos (42%), meio pelo qual buscam reconhecimento para participar de redes, fóruns, conselhos e outras instâncias de participação social. Além disso, buscam recursos para executar projetos que

JAQUELINE LIMA SANTOS É SOCIOLOGA E CONSULTORA NO EIXO “CULTURA” NO PROJETO RECONEXÃO PERIFERIAS E NO “MAPEAMENTO DOS MOVIMENTOS E COLETIVOS DAS PERIFERIAS”.
VICTORIA LUSTOSA BRAGA É ESTAGIÁRIA NO MESMO PROJETO E NO MAPEAMENTO DOS MOVIMENTOS E COLETIVOS DAS PERIFERIAS.

salvaguardam a memória de seus espaços, mobilizam as comunidades contra a intolerância religiosa e executam ações de assistência social nos territórios de atuação. Mas também trabalham como coletivos, fóruns e movimentos sociais, formato no qual articulam marchas, campanhas e outros tipos de atividades de valorização da vida e combate à intolerância religiosa.

Em relação às bandeiras de luta que analisaremos a seguir, os resultados se explicam quando consideramos a realidade vivenciada por estes grupos. Ao questionar sobre as principais

formas de cerceamento vivenciadas pelas organizações que têm a religião como tema de atuação ou a religião como um dos seus três principais temas de atuação, “fundamentalismo e intolerância religiosa”, “machismo” e “racismo” são problemas em destaque (Gráficos 1 e 2).

Ao olhar para as bandeiras de luta das organizações, encontramos os temas intolerância religiosa, mulheres, racismo, direi-

tos humanos, igualdade racial, combate ao racismo, violência, respeito, valorização, negros, entre outros. Estão em evidência o combate à intolerância religiosa e ao racismo (que aparece em diferentes junções), o que significa que a luta contra estas formas de opressão é uma das estratégias para garantir a continuidade de sua existência. Neste sentido, lutar por uma sociedade antirracista e contra a intolerância religiosa é um ato resistência.



Gráfico 1 - Formas de cerceamento vivenciada pelas organizações que atuam com o tema da religião (40%)

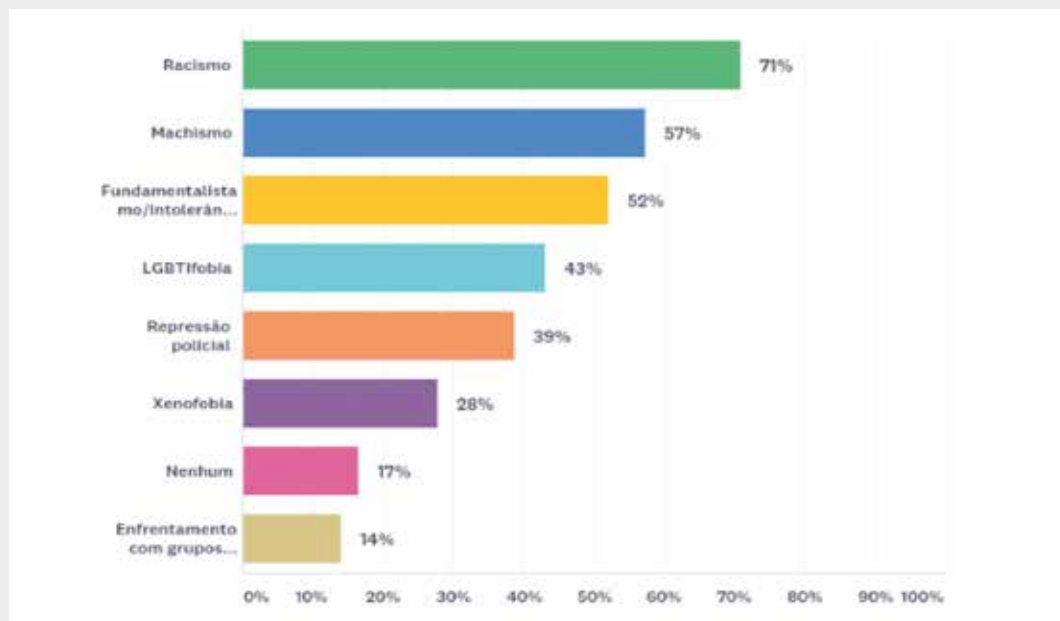
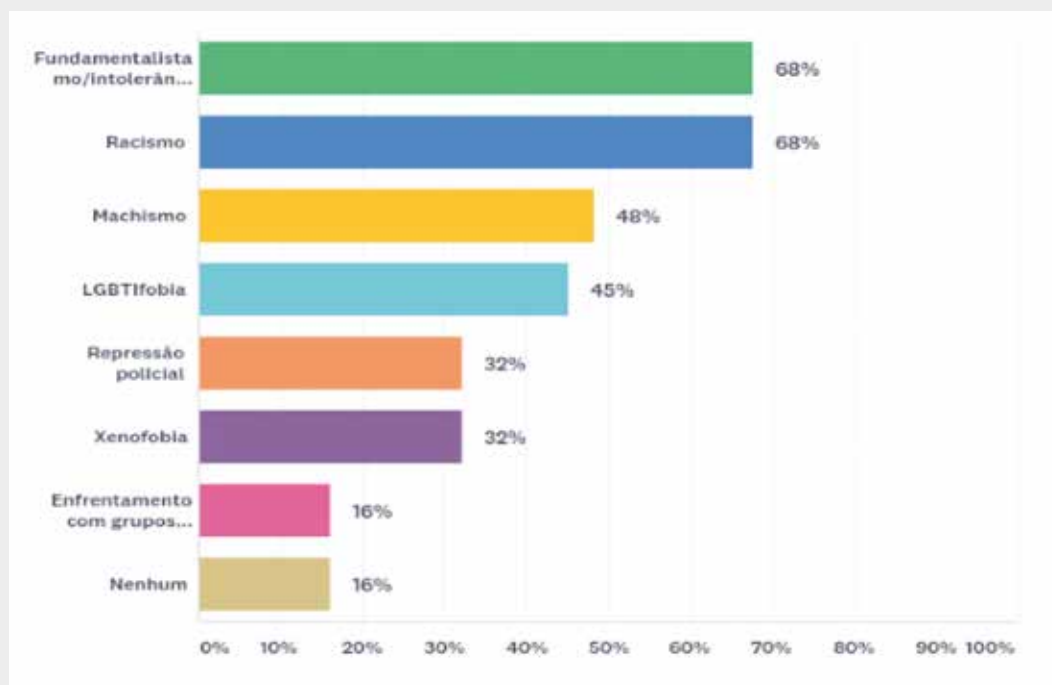


Gráfico 2 - Formas de cerceamento vivenciada pelas organizações que têm a religião como um dos principais temas de atuação (5%)

Percebemos que as atividades das instituições religiosas são focadas nas pessoas e nas comunidades. Geralmente voltam-se aos grupos mais vulnerabilizados: crianças, adolescentes, jovens e mulheres.

Vejam abaixo a nuvem de palavras quanto ao público prioritário destas organizações:

A principal fonte de recursos destas organizações é o autofinanciamento, fenômeno que tem funcionado de forma expressiva em todos os tipos de instituições religiosas. É comum que os membros das congregações (de todos os tipos de crenças) tenham compromisso com a manutenção dos espaços onde compartilham

experiências com a comunidade religiosa e cultuam o sagrado. Desse modo, 74% vivem de autofinanciamento, 29% de financiamento coletivo, 26% de financiamento privado e apenas 13% de financiamento público estatal – menor indicador de utilização de recursos públicos encontrado nas análises por segmentos realizadas até o momento. ■

POPULACAO COMUNIDADE TODOS ADOLESCENTES JOVENS
MULHERES E CRIANCAS DA PESSOAS DE MATRIZ AFRICANA

■ **Norte**

Acre

XIII LIA – Congresso de Linguagens e Identidades das/nas Amazônia

Data: 7 e 8/10

Horário: 13h às 18h

Local: Universidade Federal do Acre (UFAC)

Obs: inscrição prévia no site www.congressolia.org

Cineclube Filosofia

Data: 26/10

Horário: 15h às 18h

Local: Cine Teatro Recreio AC
Rua Senador Eduardo Assmar, 0
Rio Branco

Amapá

Category is: Circus Realness #1

Data: 19/10

Horário: a partir das 20h

Local: Sankofa, Rua Beira Rio 1488
Orla do Santa Inês
Macapá

Amazonas

Lançamento do Documentário A Poética dos Beiradões

Data: 06/11

Horário: 19h

Local: Tacaca Na Bossa
Largo São Sebastião
Manaus

Pará

Moeda Verde Celebra: 1 ano de projeto IDEASSU

Data: 25 e 26/10

Horário: 18h às 23h no dia 25, e 16h às

23h no dia 26

Local: Travessa Duque de Caxias, 4136
Igarapé Açu

Rondônia

V Festival Unir Arte e Cultura

Data: 19 a 26/10

Horário: a partir das 8h

Local: Avenida Campos Sales
Porto Velho

Roraima

Batalha do Milão

Data: 19/10

Horário: 19h às 22h

Local: Praça Mane Garrincha,
Tancredo Neves
Boa Vista

Tocantins

Quarta Clássica - Divas do Samba

Data: 16/10

Horário: das 20h às 23h

Local: Teatro Fernanda Montenegro.
Avenida Teotônio Segurado
Palmas

Obs.: R\$20,00 (inteira) e R\$10,00 (meia)

■ **Nordeste**

Alagoas

Maceió Rosa: Feira de Serviços no Centro

Data: 23/10

Horário: das 8h às 17h

Local: Centro de Maceió
Rua do Comércio

Bahia

Virada Educação Salvador 2019 - 5ª Edição

Data: 08 a 10/11
Horário: a partir das 8h do dia 8
Local: Salvador
Acompanhar os locais no evento do Facebook

Holocausto Brasileiro – Prontuário da Razão Degenerada

Data: a partir de 16/10
Horário: das 20 às 21h30
Local: Casa Preta – Rua Areal de Cima, 40, Dois de Julho
Salvador

Ceará

Primeiro Festival de Acarajé – Associação Nacional das Baianas de Acarajé, Mingau, Receptivos e Similares

Data: 15/11
Horário: a partir das 10h
Local: Rua dos Tabajaras, 397, Estoril – Praia de Iracema
Fortaleza

Maranhão

Pastoral da Criança – Oficinas, palestras sobre auto estima e prevenção da depressão e suicídio

Data: 19 e 26/10
Horário: a partir das 8h30 (19/10) e 14h (26/10)
Local: Cidade de Coroatá na Paróquia São Raimundo (dia 19) e em Ribamar Fiquene na paróquia São Sebastião (dia 26)
São Luís

Paraíba

Sarau Poesia Solta

Data: 26/10
Horário: 16h
Local: Casa de Cultura Livre Olho D'água

Rua Deputado Barreto Sobrinho, 344
Tambia
João Pessoa

XIII Enearte Parahyba Tudo cabe no coco

Data: 13 a 20/10
Horário: a partir das 13h
Local: Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa

Pernambuco

Exposição Olhares Negrxs Sobre a Jurema Sagrada

Data: de 10/10 a 2/11
Horário: funcionamento do museu, terça, quarta, sexta e sábado, das 9h às 12h e das 14h às 17h.
Local: Museu Murilo La Greca
R. Leonardo Bezerra Cavalcante, 366
Parnamirim
Recife

Piauí

Abertura Bienal do Sertão de Artes Visuais – Museu do Piauí

Data: 15 a 31/10
Horário: 09h às 17h30
Local: Museu do Piauí
Casa de Odilon Nunes
Praça Marechal Deodoro da Fonseca, s/n
Centro
Teresina

Rio Grande do Norte

2º Encontro de Mulheres na Roda de Samba

Data: 09/11/2019
Horário: 16 às 22h
Local: Casa da Música Potiguar
Av. Praia de Genipabu, 2152
Ponta Negra
Natal

Sergipe

Movimento Feminino Aúa Ananã

Data: 26/10/2019

Horário: a partir das 15h

Local: Galeria do Zé Peixe, Centro
Aracaju

■ **Centro-Oeste**

Distrito-Federal

Cine Tijolada para população em situação de rua - Tulipas do Cerrado

Data: 30/10/2019

Horário: 18h

Local: Setor Comercial Sul
Distrito Federal

Grupo de Convivência: Mulheres na Comunidade - Tulipas do Cerrado

Data: 09/11/2019

Horário: 14h às 16h30

Local: Núcleo Bandeirante área aberta com parques

Obs.: atividade com as crianças e filhos acontecendo simultaneamente ao grupo de convivência

Goiás

Mostra de Filosofia Aplicada

Data: 28/10/2019

Horário: 20h às 21h

Local: Nova Acrópole Aparecida de Goiânia - Avenida da Paz Qd 156 - Aparecida de Goiânia

Mato Grosso

4ª Mostra de Cinema Negro de Mato Grosso

Data: 16/10/2019 a 18/10/2019

Horário: 21h

Local: Avenida Edgar Vieira
Cuiabá

Mato Grosso do Sul

I CONVERSAÇÃO: Diálogos sobre Prevenção Combinada no Centro-Oeste

Data: 24 a 26/10/2019

Horário: a partir das 12 hrs

Local: Hotel Vale Verde
Av. Afonso Pena, 106, Amambai
Campo Grande

Seminário: Avanços e Desafios da População Negra Sul Mato Grossense

Data: 01/11/2019

Horário: 18h30 às 21h30

Local: Sesc Cultura
Avenida Afonso Pena, 2270, Centro
Campo Grande

Roda de Conversa: Cultura e Cidadania

Data: 07/11/2019

Horário: 18h30 às 21h30

Local: Sesc Cultura: Avenida Afonso Pena, 2270, Centro - Campo Grande

■ **Sudeste**

Espírito Santo

I Festival de Pipas na Pedra

Data: 27/10/2019

Horário: 14h

Local: Na pedra do bairro da Penha
Vitória

Final do curso de formação "Fazer valer a implementação efetiva das leis 10.639/2003 e a 11.645/2008 - superando o racismo institucional e na sociedade"

Data: 18 e 25/10/2019

Horário: 08 às 17hrs

Local: Campus IFES - Colatina/ES (dia 18) e Campus IFES de Nova Venécia/ES (dia 25)

Minas Gerais

**Segunda edição da mostra
"Negritude em Pauta no
Audiovisual" - Filmes e Rodas
de Conversa - Coletivo Coisa de Preto**

Data: 07/11/2019 a 09/11/2019
Horário: a ser melhor definido nas redes do coletivo
Local: Rua F, s/n
Vila Nª Srª da Conceição
Aglomerado da Serra
Belo Horizonte

Rio de Janeiro

**FLUP 2019 - A Festa Literária das
Periferias**

Data: 16/10/2019 a 21/10/2019
Horário: a partir das 10h ou das 14h, a depender do dia
Local: Praça Mauá - Centro
Rio de Janeiro

São Paulo

**Escola Feminista Abya Yala -
Revista Amazonas**

Data: 27/10/2019
Horário: 10h às 16h
Local: A confirmar,
mas sempre próximo de algum metrô na linha lilás entre Santo Amaro e Capão Redondo
São Paulo

**Espírito de Zumbi Instituto de
Culturas Afro Brasileiras**

Data: Toda última sexta-feira do mês (25/10)
Horário: 19h30 - 00h
Local: Casa Popular de Cultura do M'Boi Mirim - Av. Inácio Dias da Silva, s/n - Piraporinha
São Paulo

■ Sul

Paraná

**II Seminário População em Situação
de Rua**

Data: 17/10/2019
Horário: 8h30 às 17h
Local: Auditório do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná
Avenida Iguaçu, 880, Rebouças
Curitiba

Rio Grande do Sul

**Estado maior da Restinga - Ensaio
Show**

Data: 03/10/2019
Horário:
Local: Estrada João Antônio da Silveira, 2355 - Restinga
Porto Alegre
Obs: entrada gratuita até as 21hrs e após os ingressos estarão por 5,00

1º Festival Conexões Literárias

Data: 20/10/2019
Horário: a partir das 13h30
Local: SRB Estado Maior da Restinga
Porto Alegre

Santa Catarina

Festival Lula Livre

Data: 27/10/2019
Horário: 15h às 22h
Local: Memorial Miramar
Praça Fernando Machado
Florianópolis

OPORTUNIDADES

| Edital | Foco | Prazo | Link |
|---|--|------------|---|
| Edital Educar Para Transformar - Instituto MRV | Promover transformações por meio da educação, estimulando aprendizados e mudanças culturais | 31/10 | http://educarparatransformar.institutomrv.com.br/edital |
| Rede Brasil do Pacto Global | Reconhecer projetos e iniciativas que privilegiam práticas de sustentabilidade | 18/10/2019 | https://nacoesunidas.org/rede-brasil-do-pacto-global-premia-boas-praticas-em-agua-e-saneamento/ |
| Prêmio Funarte Descentrarte | Foca em projetos direcionados às áreas artísticas de artes visuais, dança, teatro, produção literária e de artes integradas, de qualquer município do Brasil com população entre 50 e 100 mil habitantes | 21/10/2019 | http://www.funarte.gov.br/edital/premio-funarte-descentrarte/ |
| 2º Prêmio BNDES de Boas Práticas para Sistemas Agrícolas Tradicionais | Reconhecer boas práticas de salvaguarda e conservação dinâmica de bens culturais e imateriais associados à agrobiodiversidade e à sociobiodiversidade presentes nos Sistemas Agrícolas Tradicionais no Brasil. | 31/10/2019 | https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/onde-atuamos/social/premio-bndes-boas-praticas-sistemas-agricolas-tradicionais!/ut/p/z1/fY5BDolwEEX3nILLNFPUYFwqm-BgFcVm6MaUgToS2aRvPbzGoO-zfz3-K_yQcexXEUAQsRYD6fB-K7EE3vhUSsxAlOap9dic9ofVhUt-qpyu6TbP0vMIXSZ0l8DxLf786cN_g83GXP8G1AtbZmUP3Ah_J6hu-Gpix3YiaNKrtHGm0cMTYsE0G-cOh8NwYQvUWph0DeihbltBwd-mAevX-Ax5bg!/ |
| Projeto Construindo o Futuro – Instituto Espírita de Educação | Fortalecimento de organizações da sociedade civil de diferentes áreas, fornecendo programa de aceleração e capacitação. | 29/11/2019 | https://construindoofuturo.org/ |
| Agricultura de Base Ecológica – Fundação Paulistana | Qualificação profissional no eixo de sustentabilidade a profissionais e organizações da sociedade civil. | 18/10/2019 | https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/Minuta-final-Edital-Agroecologia.pdf |

| | | | |
|--|---|----------|---|
| Edital de Incentivo à Cultura e ao Esporte – AES Tietê | Seleção de projetos relacionados à cultura, educação e ao esporte alinhados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. O edital contempla municípios de BA, MG e SP. | Contínuo | https://prosas.com.br/editais/4532-selecao-de-projetos-de-incentivo-a-cultura-e-ao-esporte-leis-federais |
| Fundo de Ação Urgente (Urgente Acction Fund) – Por los Derechos de las Mujeres | Fundo feminista para a América Latina e Caribe que procura fortalecer as ativistas e seus movimentos sociais | Contínuo | https://fondoaccionurgente.org.co/ |
| Projetos na América Latina – Open Society Foundations | Fundo que visa a justiça, governos democráticos e direitos humanos na América Latina e no mundo. | Contínuo | https://www.opensocietyfoundations.org/ |